



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 12 de Maio de 1984 * Ano XXI — N.º 1048 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Um a um vamos recolhendo incapazes. Aqui, em nossa Casa, o silêncio deles é voz forte que brada bem alto na consciência dos que se atrevem a vir contemplá-los.

CALVÁRIO

Passo a vila e subo lentamente à serra, em direcção ao Gerês. No cruzamento que leva às termas, sigo pela estrada de Chaves. Metros andados, na dobra duma curva, surge um dístico, gravado em largas tábuas de pinho — aldeamento da pedra verde. Deixo o asfalto. Tomo a estrada de terra batida que aponta para uma pequena colina de vegetação rasteira. Casas modestas mas graciosas, com pedras à vista salpicando a cal das paredes. Pendurada em estaca de madeira uma inscrição a dizer-me que esta casa é a da recepção. Paro o carro e peço informações. O porteiro conduz-me por escadaria tosca até à moradia que me haviam destinado. A porta abre-se. Pequeno hall dá para uma sala-de-estar com fogão, onde lenha seca espera ser queimada para, do seu sacrifício, resultar o bem-estar dos hóspedes. Em frente um reposteiro. Abro e através de larga vidraça tenho na minha frente paisagem de sonho. A montanha coberta de frondosas matas, toldada por núvens brancas, que deslizam com lentidão no azul do céu. Em baixo a barragem da Caniçada é um espelho azul turquesa, a reflectir as margens repletas de cedros, pinheiros e carvalhos. Respiro fundo e o silêncio da montanha deixa-se ouvir.

A sala dá para o quarto de dormir. Cama de madeira e

uma cómoda encimada por um espelho, mais uma cadeira, a mobília do aposento. O chão da casa é em tijoleira. Os tectos, em estuque, poisam sobre travess de madeira. Deponho a minha bagagem, uma pasta, e saio para apreciar os arredores. As moradias, dez ao todo, estão dispostas em socalcos de relva. Pedras de granito abrigam-se sob plantas variadas, desde cactos a azális e sardineiras. Estreita escadaria em

pedra faz-me descer dum tabuleiro para outro. Tudo é rústico neste aldeamento de montanha.

São horas de ceiar. Desço ao bar, no centro da aldeia. Trata-se dum canastro com pilares em pedra separados por largas persianas de madeira, cujas frestas são vidros esguios por onde entra a claridade. Duas filas de mesas,

Cont. na 4.ª pág.

PARTILHANDO

□ Com a Primavera chegaram também as novas vaquinhas. Durante este longo e frio Inverno esteve vazia a nossa vacaria, por causa da doença. Dali, todos os dias e por duas vezes saíam cântaros de leite dirigidos para os tachos da cozinha e para as bocas dos nossos cento e setenta rapazes. Um grande prejuízo esta falta de leite! Mas, tudo vai começar de novo. Excepto os vaqueiros — todos antigos. À frente deles está o sr. Silva que após a doença das vacas cafu doente também! Que tristeza teve aquele nosso

homem — tal a devoção pelo seu trabalho! Agora, já veio dizer que tem visto o «Vila Real», logo de manhãzinha, a cumprimentar as vaquinhas com grandes abraços. Saudades!... Vamos ver o tempo que elas duram! Os outros vaqueiros são o Domingos — conhecido entre nós também por «Bigodes» por ter sombras deles, desde muito cedo — o Lando e o «Laranja». Não foi preciso chamá-los ao trabalho da vacaria, depois deste interregno. Presentes e felizes! Eis a força de atracção que a Mãe-Natureza tem sobre os homens! Eis

a alegria que Deus sentiu ao ter criado o Mundo para os homens! E alguns não a sabem merecer!... Por isso, aqui fica a lição dos nossos vaqueiros — verdadeiros continuadores da Obra da Criação.

□ As nossas festas pascais terminaram, mas a Páscoa continua até ao fim dos tempos. Durante elas, o nosso «Quicas» foi o sacristão-mor. Ele que, noutros tempos, as passava de café em café à procura de um cigarrito ou aceitando um copo de vinho! Hoje, tudo é diferente. Ele gosta de

trabalhos da Aldeia, quer no relacionamento com a comunidade. Uns dias depois da chegada, teve, até, este desabafo com alguém: «Que bom se a minha mãe pudesse vir para cá! Aqui come-se tão bem!» De entre outras misérias, eles vinham também da fome — o que volta de novo a acontecer com crescente frequência.

Estávamos, pois, julgando que o nosso receio, neste caso, fora infundado, quando, a semana passada, outro rapaz, ameaçado pelo chefe, a propósito de qualquer aventura, de que «logo, a gente conversa», encontrou no nosso homem o consolador das suas aflições e resolveram ambos fugir. O da aventura regressou no dia seguinte. O consolador foi para casa e contou tais coisas dos maus tratos que aqui se passam que, apesar de desmentido pelo seu próprio aspecto, tão diferente daquele com que chegara cá um mês antes, foi aceite que não viria mais pelo «conselho» de família.

Esta habita uma das incontáveis barracas que povoam a grande Lisboa e consta de mãe e oito filhos, três ou quatro dos

Cont. na 4.ª pág.

servir ao Altar. Mas o gosto é tanto, que tivemos de ralhar por se estar a servir a ele antes de servir o resto! Como as cerimónias eram diferentes também o «Quicas» as quis distinguir, vestindo-se de branco, com uma alba do seu tamanho! Só que ele se esquecia de tudo o mais, menos da veste branca! Por isso, pedimos ao Bento que ajudasse o «Quicas» a não se perder pela brancura das vestes na escuridão da vigília pascal.

O «Quicas» é um sinal da Ressurreição de Cristo!... Foi por e para isso que Pai Américo, assim, chamou a si, o rapaz da Rua — para que a Páscoa continue sempre, enquanto houver «Quicas» que precisem de vestir-se com o branco da Ressurreição!

Padre Moura

PELAS CASAS DO GALATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

■ Na Quinta-feira Santa, como já é tradição, os Pobres reuniram connosco e participaram das cerimónias litúrgicas.

Estavam só os mais sãos, que os outros sofrem, no leito, o seu calvário doloroso. Mas não foram por nós esquecidos à mesa do Altar.

A Ceia do Senhor *prolongou-se* na mesa comum dos mortais. O caldo, o arrozinho, os doces também são motivo de encontro, de alegria, de fraternidade espiritual.

Ficámos junto de um velho cantador, que Pai Américo apreciava nas desgarradas. Lembrámos algumas delas — um rosário de recordações. Mais cantadores do que cantadeiras. E sublinhámos o gosto que Pai Américo sentia nos descantes de sabor tão popular.

Depois da ceia levámos os Pobres, na carrinha, até à moradia de cada um; algumas delas tectos do Património dos Pobres. Antes de se apagar — como os seus companheiros d'alma feliz — o nosso cantador não deixou de improvisar em sua voz roufenha, já sem o fôlego doutros tempos, uma despedida que encantou o nosso Padre Moura. «*Quando for a vossa vindima — prometeu — se eu for vivo, vou lá cantar!*»

Enquanto deixávamos os Pobres nas suas casas, corria em nossa mente o anterior filme de cada um, desde a carência de um tecto à necessidade de pôr a mesa todos os dias... Mas, agora, por graça de Deus, que motiva os nossos Leitores, não lhes falta o mínimo indispensável — já não sofrem miséria imerecida. E tanto assim que alguém reparou, discretamente, no porte digno de uma Viúva jovem, com a filha a seu lado — tão limpa e aseada! Que seria desta família — desta mãe!...

■ A pobre mulher sofre, com paciência, a cruz que Deus lhe deu: a doença incurável do marido.

Eles já têm os filhos *arrumados*, sim, mas não aguentam o custo de vida e têm de ser os nossos Leitores a suprir a diferença abissal entre a pensão de reforma e o que precisam para sobreviver dignamente.

Ao doente não faltam, todos os dias, umas boas malgas de leite; mas os remédios — ai os remédios! — são fogo!

— *A gente não aguenta!... Inda agora fui à botica com uma nota de mil e fiquei lá a dever mais uns centos! Não se pode mercar remédios!...*

Somos os fiadores!
É pena, sim, que para estes casos de pobreza — que seriam de miséria — não haja maiores benefícios sociais que compensem o exagerado custo dos medicamentos!

■ É uma mulher doente que, não fosse também a sua cruz, poderia ter uma vida sem sobresaltos. Temos-lhe dado a mão — com a generosidade dos Leitores — e vive menos mal.

Agora, porém, sentindo-se algo marginalizada pelos seus, e como tem uma pequenina nesga de terreno, quer levantar uma casita «*para acabar os meus dias em paz*» — disse.

— Como é que V. conseguirá levantar a casa!...

Sorri. Mexe as mãos. Olha o céu. Não responde...

Continuámos:
— É uma loucura! V. não chega ao fim...!

— *Se me derem uma ajudinha, arranjo oitros noitros lados — e faço a obrinha...*

Não é um caso inédito. Ao longo dos anos temos assistido e ajudado casos idênticos.

E lá foi com a ideia fixa: — *Vou fazer uma casinha p'ra acabar os meus dias...*

A verdade é que nesta região — e noutras pelo País fora — se não fosse a *loucura* de tantos homens e mulheres simples, deste género, que seria do parque habitacional! É que, repetimos, a *habitação social* continua a ser feudo de grandes e

pequenas urbes — aliciante, não uma travagem ao êxodo rural. Até quando?

PARTILHA — Donativos entregues no Espelho da Moda: Um anónimo(a), 50\$00; assinante de Perosinho, 1.500\$00; «*por alma dos Pais*», 2.000\$00; assinante 19177, 500\$00 «*para ajudar a Páscoa dos mais necessitados*»; Maria, 250\$00; e mais 500\$00 «*para a ajuda da instalação eléctrica de uma casa*» do Património dos Pobres, obra que está no fim, graças a Deus. E não acabou mais cedo porque o electricista só trabalha, nas moradias, em seus tempos livres — para ser mais económico.

O costume do Fundão, Remanente de contas d'O GALATO, pela mão da assinante 22890, de Rio de Mouro. Rua Clemente Menéres, Porto, 100\$00. «*Um pequeno donativo como lembrança de Páscoa*» — Portela da Ajuda, Lisboa. 1.000\$00 de «*uma portuense qualquer*» — sempre muito assídua. Quatro vezes mais, em cheque, de Vila Nova de Gaia. Presença habitual de Vila Franca das Neves. Régua: «*Pequena oferta para as amêndoas nesta data festiva — para consolar os velhos*» assistidos pela Conferência. Assinante 11162, do Porto, 500\$00. Uma remessa oportuníssima da Rua dos Bombeiros Portugueses, Faro. Assinante 20174, de Coimbra, vultosa oferta «*para as necessidades mais prementes*». E «*uma lisboeta*» marca presença com muito carinho. Ainda da Rua das Amoreiras, Lisboa, «*a habitual ajuda dos quatro últimos meses e mais uns escudos de pequenas renúncias*».

Retribuímos, com Amizade, muitos votos de santa Páscoa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

PASCOA — Em nossa Casa celebrámos a Páscoa em festa e harmonia, pois que para nós significa

muito, devido a Jesus ter sido crucificado com uma cruz às costas — para a nossa Salvação.

A Páscoa é uma festa, na qual todos tentamos pensar um pouco — e reconciliarmo-nos de acordo com os preceitos da Igreja.

Entre as cerimónias destacamos a Missa de Quinta-Feira Santa — a última Ceia.

Alguns Pobres da Conferência comemoraram connosco a Páscoa. Tudo bem, em todos os aspectos. E Deus permita que, para o ano, tudo volte a ser como Deus quer.

FUTEBOL — Os nossos mais velhos organizaram um jogo entre os que já cumpriram a tropa e os que ainda não. Empataram 3-3.

Novo jogo houve, passados alguns dias, no qual os que já fizeram a tropa venceram por 5-2.

Esta derrota fez ver que os mais velhos ainda têm força suficiente para baterem os mais novos!

VISITANTES — O tempo aqueceu, melhorou; e, assim, muitas pessoas começaram a visitar-nos em excursões ou nos seus automóveis. Duma maneira geral vêm famílias inteiras: pais, mães, tios, avós, filhos. E dá-nos muito gosto que assim seja. É visita de família a família.

Pois que venham mais! Precisamos do vosso carinho, da vossa amizade. Até porque a maior parte de nós somos de famílias desfeitas...

BAPTIZADO — No dia 15 de Abril foi baptizada, na nossa Capela, a segunda filha do nosso Joaquim Oliveira. É a Cândida Isabel.

Apadrinharam o acto seus tios-avós que residem na Alemanha Federal.

Para a nossa Comunidade, estas cerimónias têm sempre muito valor, porque em nossa vida, por lá, a gente não vivia, assim, o sacramento do Baptismo.

José Carlos

REPAREM BEM

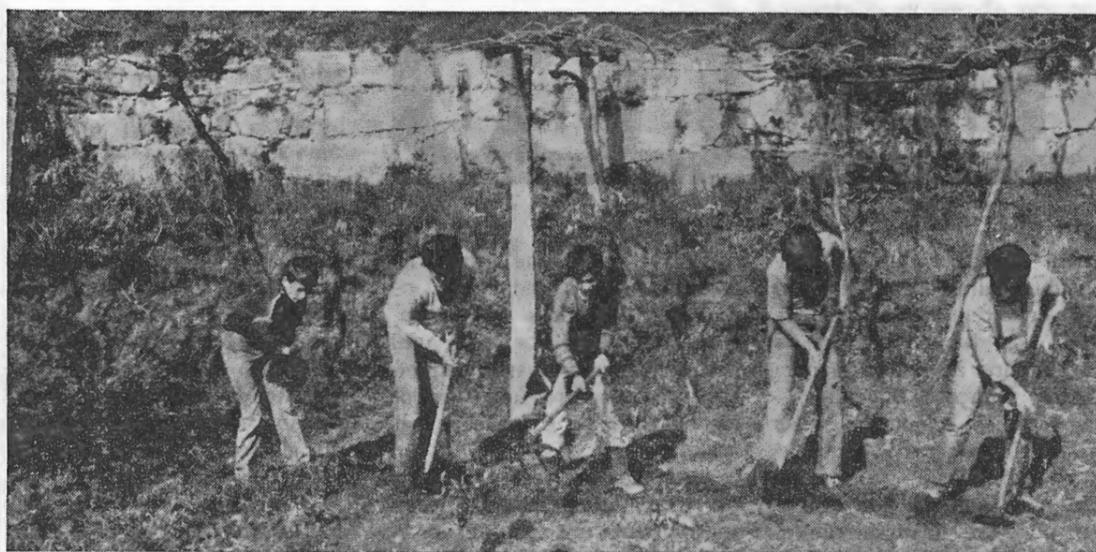
Reparem bem
Naquela pálida mulher
Do nosso povo
Sem carinho qualquer,
Sempre só.
Mete dó!

Reparem bem
Naquela jovem desiludido
E perdido.
Vamos saber o que ele tem.

Reparem bem
Neste lindo poente
Vermelho e quente.
Sejamos como ele!

Reparem bem
Neste terrestre mundo
Sem graça
Nem conteúdo.
Vamos dar-lhe outro sabor
De justiça e amor.

Manuel Amândio



Uma imagem comum a todas as nossas Comunidades: «*A mãe-terra a infundir vida e alegria na própria vida destas crianças*» que foram «*Lixo das ruas*», que vegetavam em mansardas sem ar nem luz, sem flores, árvores e horizontes de céu azul. Pelo trabalho, em contacto com a Natureza, eles esquecem os vícios da Rua e preparam-se para o amanhã — no campo, nas oficinas ou nas escolas. Ainda agora chegarão a Paço de Sousa 11 cabeças de gado hollandezas. Correu voz. Foi uma *desordem!* Todos queriam ver os animais, dos maiores aos mais pequenos — os «*Batatinhas!*»!

TRABALHO NO COITO

TRABALHO — Numa época de crise económica aumentam os preços de quase tudo, escasseando géneros e salários a que cada um tem direito por paga do seu trabalho. Mas há falta, não se produz, procura-se no «*vizinho*» aquilo que se pode fazer em casa. Na nossa, o trabalho é a nota dominante, do mais pequeno ao mais graúdo. Aqui tudo se faz, e em tempo de férias procuramos fazer os trabalhos mais urgentes, pois estamos cá todos.

Adiámos a plantação da batata, pois que o tempo não a permitia; mas já as conseguimos plantar. Foram alguns dias na preparação das terras, pois que este ano não as cultivámos nos mesmos campos, mas sim nós novos. Plantámos perto de 200 arrobas, o que nos dará batata para algum tempo, se a colheita for boa. Também o milho começou a ser semeado, este ano, noutros campos, e oxalá o resultado seja positivo. Gostamos de ser nós a «*amassar*» o nosso pão, porque quando o colhermos enxugará gota a gota o nosso suor, e com satisfação saborearemos aquilo que é nosso.

FESTAS — Não é só a agricultura que nos dá trabalho; há outros motivos, entre os quais as nossas Festas. Trabalho que exige responsabilidade, mais do que esforço físico. Na altura em que escrevo, ainda estamos nos preparativos, a dar os últimos retoques, mas quando sair esta edição já estarão feitas sete em cinco localidades. Também o trabalho é mensagem. Nós levamo-la até nós.

Temos esperança de receber o mesmo carinho, a mesma alegria — em todas as localidades onde iremos actuar.

Que as nossas Festas sejam verdadeiras Festas de alegria, paz e amor.

PASCOA — Luz... Vida... Salvação...! São muitos os nomes que lhe podemos chamar.

Páscoa é tempo de redenção, de perdão, seguindo o exemplo daquele que é mais que tudo e foi Homem: Jesus Cristo.

Só alguém de natureza divina faria o que Ele fez por nós: morrer! Morreu para que vivêssemos com Ele. A Sua Morte é um convite para nos juntarmos a Ele. A nossa Páscoa começou, já há algum tempo, com a cerimónia do perdão para celebrarmos a nossa Páscoa limpos de pecado.

Na Sexta-Feira Santa acompanhámos a via-sacra pela televisão. No sábado, à noite, fomos à igreja celebrar a vigília pascal, no fim da qual regressámos a casa, e comemos doces e amêndoas e bolos no nosso refeitório. Não faltou o bolo folar que um nosso Amigo e conterrâneo tem por costume oferecer-nos.

No domingo de Páscoa assistimos à Eucaristia, recordando um dia, há



AGORA

Tão belas e oportunas as atitudes «de Igreja» nalgumas Dioceses relativas à organização de partilha de bens com os mais carenciados! Entendamos aqui esta partilha no verdadeiro sentido evangélico. Isto é: não o repartir bens por, mas em comunhão com eles.

Para os cristãos, o darmos o que sobra não basta. Também não só orar pelos Pobres; mas, orar com eles, sofrer com eles, pedir com eles, viver a opressão com eles.

Só deste modo evitaremos: Igreja por um lado, o povo por outro.

Nós, Igreja, mergulhemos bem fundo, lá onde a seiva é alimento das raízes, e vivamos a pobreza.

Cristo — sendo rico — fez-se Pobre por nós. Pobre evangélico: Homem disponível para os outros, marginal, sem voz no julgamento, submisso ao Pai.

Compartilhou com os outros. Este o verdadeiro sentido de partilha evangélica. O contrário é escondermos o Senhor.

E vamos, dentro deste espírito, sair à rua com a nossa proclamação. Recolhe uma, outra começa. Rebentos novos e flores sempre a abrir.

Abre, como botão em rosa, M-M: «Mais uma gotinha, com a amizade de sempre, para todos. Que o Senhor me dê a graça de não esmorecer e que, pela paz que nos legou, eu possa, na minha insignificância, contribuir para que a «casa da Paz» seja uma realidade e abrigo para alguém que não a tem».

Que esforço sobrehumano fazem os Autoconstrutores para construir as suas casas!

E que preço tem a paz nos dias de hoje! Mas vale a pena... todos os dias, um passo para a paz.

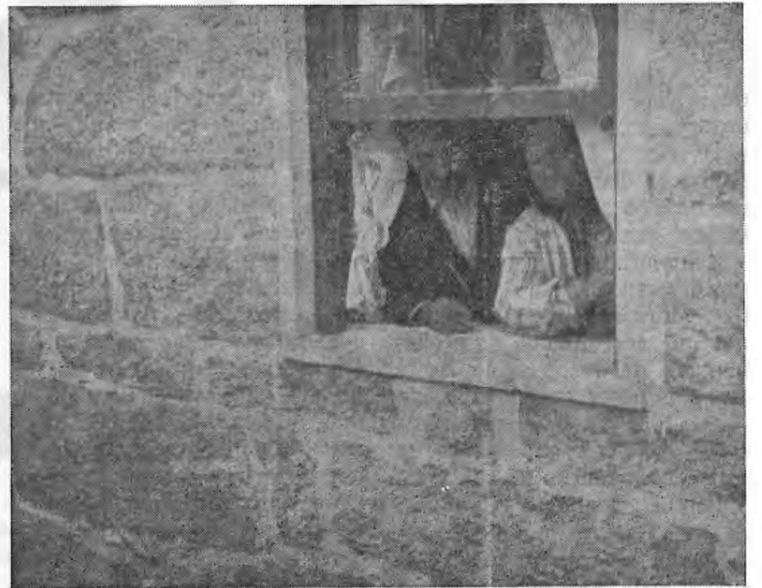
Assim, com a gotinha da paz, começa hoje a nossa proclamação.

Logo a seguir, os nossos Amigos da Caixa Têxtil com a entrega de dois meses. Um anónimo, da Parede, com dez mil «para alegrar a Páscoa dum Autoconstrutor». Da ve-

lha Amiga «uma Portuense qualquer», dois mil para o Património dos Pobres. Anónima, no Espelho da Moda, três mil. Mais cinco mil para a «casa Ouve-me Senhor». Assinante 24372, com muita amizade, vinte mil para ajuda dum Autoconstrutor. Assinante 32095 com palavras amigas e cinco mil. E vem uma viúva com seis mil «para ajudar à construção duma casinha, por alma do meu querido e saudoso marido». M. Pereira, no Montepio, vinte mil. Mais dois mil para a «casa de João e Judith», desejando-nos uma constante renovação Pascal. Assim seja. Agora, no meio do povo e com tanta simplicidade — um sacerdote velhinho com cinquenta mil. Presentes também: Noémia, de Faro; assinante 6445, de Coimbra; Irene, de Viseu; Alda, do Barreiro; nosso amigo Serafim — para ajudar a comprar telhas; assinante 29593, de Odeáxere, com dez mil; e Amigo de Aveiro com mil. Assinante 524, 25.000\$ e «um abraço amigo e um muito obrigado pelo bem que me fazem». Também o faz a nós. Assinante 31969 com algumas

telhas para os Autoconstrutores. Um Amigo de V. N. Gaia com vinte mil para a renda da viúva de Oeiras. Presente com cinco mil, e muita alegria, a nossa «avó de Santarém», que já tem 84 anos e manda um grande abraço. Que o Senhor a abençoe. Da nossa amiga, esposa do assinante 26049: «Resolvi começar a Quaresma enviando uns pregos para a Autoconstrução». Cá chegaram. E a assinante 17873, para algumas telhas: «Julgo que todos os que têm O GAIATO são levados a partilhar mesmo o pouco que têm, com os que mais necessitam».

Também assinante amiga com mil para a «casa de Jesus Misericordioso». E A. Guimaraes com vinte mil para auxílio à Autoconstrução — em sufrágio de sua esposa. Anónima na Foto Antony, de Penafiel, quatro mil; mais outra mil amiga, dois mil, no Espelho da Moda; e no mesmo, uma Viúva, do Porto, para três Autoconstrutores — mais três. Também conosco, Gastalda, de Lisboa, com cinco e o Dr. José F. Souto com cinquenta. A assinante 9852 com cinco



Dois felizes ocupantes de uma habitação do Património dos Pobres, em terras do Vale do Sousa. As moradias pertencem às respectivas paróquias — «e são destinadas ao uso dos seus Pobres». Pai Américo acentua: «Damos as casas à Igreja em memória do seu Fundador. A amizade de Cristo é uma fonte de bem. Com ela podemos ir muito longe. Por amor d'Ele toda a obra se valoriza. Só Ele é Luz. Nós fazemos sombra; e, quando nos colocamos à frente das obras, como nossas, tudo são trevas!»

«para ajuda duma casa dos mais necessitados». Maria, de Lisboa, mil e «peçam a Deus por esta pecadora que anda doente». Que Deus a melhore. Quase no fim, de Ul, outro sacerdote tão discreto e amigo — com cinquenta. É maravilhoso termos sempre em nossa proclamação a presença viva e edificante de sacerdotes! E vamos fechar com a chave da assinante 29406: «Ao longo dos meses privando-me de tudo quanto julgo inútil e

supérfluo, vou fazendo um mealheiro e, assim, «grão a grão» vou juntando umas migalhinhas para ajuda da Autoconstrução. Deste modo junto um cheque de trinta mil para o que tiver mais urgência de acabar a sua casa, iniciada, sabe Deus, com que sacrifício!»

Apetece só, humildemente, dar graças ao Senhor pela maravilha destas «gotinhas» que brilham na colina.

Padre Telmo

O NOSSO JORNAL

A vida d'O GAIATO, por dentro, precisa de ser revelada assiduamente; tanto mais porque se trata de um mensageiro com características muito específicas, que foge aos vulgares critérios mercantilistas e assenta arraiais na alma dos Leitores.

O nosso correio diário é um diálogo permanente, riquíssimo! Um santuário d'almas à imagem da Obra da Rua. Era a delícia de Pai Américo, após a celebração do sacrifício da Missa. Ele exultava! Sublinhava, escolhia e guardava as peças mais valiosas — para enriquecimento geral. Como, aliás, fazem os Padres da Rua — na linha de Pai Américo.

As cartas de todos os dias são páginas de Vida que dariam páginas e páginas d'O GAIATO! E nem sempre vêm à luz do dia por mor do espaço, também por serem pedaços muito particulares do foro íntimo de cada um. Ainda que, como é óbvio, evitemos personalizar os correspondentes.

A vida d'O GAIATO precisa de ser revelada porque, nos últimos anos, abarca ainda novas gerações de Leitores — e hão-de vir mais, se Deus quiser.

Temos à nossa frente o mapa da última tiragem do jornal

(28 de Abril), dactilografado pelo Teixeira. Não falta um pormenor! A máquina imprimiu 51.630 exemplares: 29.455 para os Assinantes (vamos saltar a barreira dos 30.000!) e 22.175 distribuídos pela mão dos nossos Rapazes de Setúbal, Santo Antão do Tojal (Loures), Miranda do Corvo e Paço de Sousa.

Não é muito fácil — pela dispersão da Obra da Rua, pelos seus canais de recepção — manter um registo optimizado no ficheiro de assinaturas d'O GAIATO. São quase trinta mil Assinantes!... Por isso, os responsáveis do sector exigem, frequentemente, peçamos a todos que façam o favor de ser escrupulosos na indicação dos seus nomes e moradas quando remetam valores para as nossas edições. Apesar das nossas carências e limitações, procuramos aperfeiçoar os serviços, em todo o sentido, na medida do possível. Aliás, neste aspecto, não fazemos mais do que seguir a vontade de Pai Américo... De contrário, seria o caos!

Assim, tenham a bondade de indicar, correctamente, o vosso nome tal qual vai no endereço do jornal; e, para aliviarmos a carga, é muito conveniente, também, referirem o número da assinatura.

Não queremos mencionar só

aqueles que — com muito boa intenção — mandam valiosos donativos sob anonimato, uma, duas, três... vezes. Também muitos outros que recebem O GAIATO com nomes extensos e revelam-nos, depois, abreviados. Mais: uma data deles recebem o jornal em nome das esposas, os maridos escrevem e esquecem-se de indicar o nome delas! Acontece o mesmo a tios, pais e avós em relação a sobrinhos, filhos e netos! Vemo-nos aqui numa aflicção constante para decifrar todos os problemas! E, por fim, já bloqueados, como única saída — quando há essa hi-

pótese... — pedimos um esclarecimento.

Os nossos Amigos tenham a bondade de nos ajudar!

O pedido não deixa de ser oportuno: Agora, com mais alguns rapazes no sector d'O GAIATO, estamos a enviar postais aos Assinantes que — pelo nosso ficheiro — não dão notícias há muito tempo, e/ou não correspondem ao compromisso que assumiram pela assinatura do jornal.

«Candela que vai à frente — tão clara a linguagem do povo! — alumia duas vezes»...

Júlio Mendes

UMA CARTA

«Mais uma vez quero marcar a minha presença. Cá bem no fundo, desejava que ela fosse bem mais assídua!

Em anos que já passaram há muito (graças a Deus!) senti as amarguras da fome, do frio e dos sem cama para dormir! É horrível!

Ah, quanto me dói o coração ao ler n'O GAIATO

tanta necessidade e tanta miséria que se vê por estas ruas...!

Mas, porque os problemas da vida são constantes, ou talvez levada pelo egoísmo desta vida tão materialista à qual pretendo fugir mas ainda não consegui, pelo menos não tanto quanto desejava, só de longe a longa envio uma migalhinha para ser utilizada como melhor entenderem. Pois seja no que for, será bom. Todos me doem, todos os que pedem ajuda e precisam. Vós melhor que eu o sabeis.

Assinante 12310»

1950 anos, em que um Homem morreu e venceu a morte, por todos nós, mesmo os que hoje vivemos em pleno século XX.

À tarde, já quase noite, recebemos a visita pascal no nosso oratório onde beijámos a imagem do Senhor crucificado, após o que seguimos para o nosso refeitório continuar a festa que celebrámos nesse dia. Foi um dia de Páscoa feliz, com alguns dos nossos mais antigos presentes para celebrarmos a festa em família.

Que todos tenham sido felizes neste dia, são os votos de todos nós.

Chiquito-Zé

DESABAFO

Cont. da 1.ª pág.

quais com mais de vinte anos, uma já com cadastro e todos a viverem à custa da mãe que ganha os dias em serviços domésticos e as noites em trabalhos que não são de dizer.

A história acabaria aqui com um desfecho já não de todo feliz porquanto, agora, somos nós que acreditamos na probabilidade de recuperação deste mocinho de 14 anos se, do lado de lá, houvesse o apoio necessário que seria o porém-se de fora na orientação da sua vida.

Porém, domingo, tornou-se de todo infeliz quando a mãe apareceu af com um dos tais filhos mais velhos; para levar o Pedrito, que «me custou muito a criar e não é para os maus tratos que eles aqui passam».

Se o caso fosse de levar a rir, presumiria licença do autor e remataria como o Fernando Pessa: — «E esta, hein?!...» Mas «esta», estes atestados de bom comportamento passados à Casa do Gaiato, tão velhos como ela própria é, não são o caso. O drama está nestes dois rapazes cujo futuro se adivinha parecido com o presente dos irmãos mais velhos. Há um mês não o conhecíamos. Seria mais um entre centenas e centenas deles semelhantes que se desenrolam por esse País fora... Mas agora conhecemo-lo. Pudemos ter-lhe acesso.

Poderíamos, com a graça de Deus, mitigá-lo, talvez remediá-lo... E tudo se desmorona ao embate de uma família que só o é de nome e cuja inexistência de facto ou de direito seria a condição primeira para a salvação destes rapazes.

Esta é a nossa paixão, muitas vezes sofrida no contexto de estruturas entorpecidas, quando não mesmo farisaicas, tais são, na prática, os nossos Serviços Jurisdicionais de Menores. Poderíamos apelar para eles... Quantas vezes o temos feito! Abrir-se-ia um processo, lento, enredado, sujeito aos critérios de quem o conduz...

As leis são perfeitas — têm-me repetido ultimamente. Talvez... Percebo pouco de leis. Nem as sei ler!... Sei, sim, que a realização delas não é perfeita porque desincarnada, porque a não incarnam, decerto, os seus intérpretes. Inquéritos, papéis, muitos papéis, teorias... Falta coração. Falta sofrimento no tratar das situações dramáticas. As excepções confirmam a regra. E a regra é que não há redenção sem a dor de quem pretende redimir.

Se Pai Américo voltasse, infelizmente poderia repetir com plena actualidade: «Somos uma palavra nova». Uma palavra que, a alguns níveis responsáveis, ainda não foi entendida, porque a não querem entender.

Padre Carlos

FESTAS

CENTRO

Estamos na rodagem. O arranque foi trabalhoso. As vozes afinaram e a arte começou a aparecer.

Deu trabalho! Vamos cantar o trabalho. Vamos convidar ao trabalho.

Cá em Casa todos gostam deste trabalho. As Festas são apetecidas. Não há cunhas por-

que não pode ser. Mas... alguns tentam.

Uma notícia triste para os Amigos de Leiria e da Figueira da Foz: Este ano não vai ser possível encontrarmo-nos nas Festas, pois as salas do costume, nessa altura, estão em obras.

Paciencial

Padre Horácio

CENTRO

MAIO

19 às 21.30h — Salão da Casa do Povo — MIRA

20 às 15.30h — PRAIA DE MIRA

26 às 21.30h — Salão dos Bombeiros CANTANHEDE

27, às 15.30h — Teatro Alves Coelho ARGANIL

JUNHO

1, às 21.30h — Cine-Teatro da LOUSÃ

SUL

MAIO

19, Cinema de ÁGUAS DE MOURA

26, Sociedade das CABANAS

JUNHO

2, Bombeiros V. PINHAL NOVO

8, Casa do Povo de AZEITÃO

DOCTRINA

● Ele há um ror de gente que se queixa da vida como se ela fora tortura e desespero — ela, a vida, o mais precioso dom que Deus nos dá!

● Não assim quem traz a vida dos mais pegada no coração: pensamentos altos, verdades consoladoras, histórias de nossos Irmãos — epopéia de amor das almas e de amor de Deus, os dois amores inseparáveis porque semelhantes.

● É assim a vida dos que se esquecem da própria para cuidar da alheia. Nem torturas nem desesperos; e se às vezes o desalento bate à porta, queda na soleira e não entra.

● Voamos balzinho, como as andorinhas, para que as asas rocem em toda a gente e todos lhe possam tocar. Fazemos jornadas largas por terras desconhecidas, colhendo e semeando em episódios de amor; onde recebemos, ali mesmo deixamos ficar.

● É o próprio Deus que traz ao nosso encontro quem Ele muito bem quer; quanto a nós, apenas abrimos as folhas soltas do livro e deixamos escrever nomes — uns no deve e dão; outros no haver e levam.

● Lançamos notas de cem ao desbarato. Homens honestos e calejados desmalam de espanto diante de tanto dar e ficam-se em silêncio por largo tempo, olhos rasos de lágrimas...! Testemunhas de defesa que nos hão-de apontar, no julgamento final, diante de todo o mundo: «Justo Juiz, aquele deu-me de comer!» Amigos verdadeiros que o mundo não conhece nem aprecia.

● Se... fosse buzina de glória e de vaidades, havia de publicar o nome de um simpático rapaz de Coimbra, dono de uma casa muito grande e senhor de um coração infinitamente maior, a quem, por vergonha, raras vezes pedimos; e ele, por amor, manda sempre que peçamos. As vezes, dá notas com fins determinados: «aquela rua, aquela família»; outras vezes, em plena rua: «aquí tem». A esmola é sacramento. Se não perdoa pecados à maneira dos Sacramentos da Igreja, é certamente o caminho mais seguro que ali conduz as almas, a seu tempo.

● E vamos serpeando a vida da gente pobre em caudais de amor de Deus, até nos perdermos no oceano infinito da Sua infinita Misericórdia — Vida Eterna!

D. Américo

CALVÁRIO

Cont. da 1.ª pág.

com cadeiras de espaldar alto, forradas de pano regional, fazendo-nos pensar que vamos numa carruagem em direcção a algures. Sobre cada mesa a luz cai dum grande chocalho em ferro, o que dá ao ambiente a claridade necessária e convidativa ao repouso, à paz e ao silêncio, aliás aquilo que todos, quantos aqui arribam, procuram.

O criado, de casaco branco, mostra-nos a lista. Vamos ao jantar. Delicioso jantar. Levanto-me e saio reconfortado do canastro.

A noite cafu já. Ao longe a montanha parece dormir, de tão quieta. Nela como em vigília, pequenas luzes cintilam. São povoações dispersas.

Subo as escadas de pedra, agora iluminadas por candelários discretos, postos ao largo dos lanços. Em cada moradia, uma luz acesa ao lado da porta é o sinal da presença dos hóspedes. Entro na «minha» casa e preparo-me para repousar.

Tenho andado esgotado física e psiquicamente. Vim aqui para um pouco de equilíbrio. Para, no silêncio desta montanha e deste aldeamento, me encontrar comigo mesmo. A vida, no seu deslizar veloz e saltitante faz-me perder o pé. As vezes, não sei bem em que terreno ando. As razões que me levaram a aceitar o modo de vida que levo estão distantes em certos dias. Caminho então quase sem razão de ser e de agir no dia-a-dia, embalado pelas coisas, empurrado pelos acontecimentos, em vez de ser eu a guiar estes e aqueles. O

sacerdócio é uma escolha que se aceita humildemente, para se ser luz e sal no mundo. Mas, às vezes, com os ventos da nossa história, a luz torna-se mortíca e já não se alumia nem dá claridade aos outros. E, também, não raro o sal que devíamos ser, é insípido e a vida, nossa e dos outros, não tem gosto nem entusiasmo nem optimismo. Por isso, é preciso parar, no silêncio, para pensar, para reencontrar a razão do nosso viver.

A claridade entra cedo na casita em que repouso. Vem dizer-me que já é dia novo. Vou à janela para ver a natureza despertar nesta manhã de Primavera. A flor amarela do tojo pincela as encostas com graciosidade e frescura. Ao longe, tufo de acácias destacam-se fortemente no verde escuro das resinosas. O espelho doce das águas tranquilas da Caniçada é límpido e profundo. É espelho que não dorme. Reflete permanentemente aquilo que nele se contempla.

Vou aproveitar o dia para ler esta montanha e seus encantos. É uma leitura proveitosa, preciosa e refrescante. O campanário de aldeia próxima lança um convite. Desço, rezo e regresso. A noite torna.

E outra manhã me acorda para partir.

Passo pela recepção para saldar contas.

— Está tudo pago.

— Mas então?!

— São ordens.

Aceito como mendigo que bateu a uma porta e foi bem acolhido.

Padre Baptista

UM AVISO MUITO IMPORTANTE

Ainda que não possamos alertar todos os nossos Amigos, ao menos, dentro do raio d'acção dos Leitores d'O GAIA-TO, voltamos a denunciar que, tanto no Porto como em Lisboa, há pessoas que continuam a fazer peditórios para a Casa do Gaiato, quando se destinam, fraudulentamente, para eles ou para elas!...

Casos recentes:

Há dias, telefona um velho Amigo. Atende o Padre Moura. Decorria um dos tais peditórios num estabelecimento hospitalar do Porto...!

Na capital do Norte há quem faça o mesmo noutros locais. «Até na estação de S. Bento!» — revela o nosso Padre Telmo. «Costumam aparecer lá rapazes a pedir dinheiro para virem

para Paço de Sousa... E as pessoas acreditam!»

Em Lisboa, surgem peditórios muito variados, até com fitinhas e o mais, como fazem outras instituições — que não a Obra da Rua.

Os nossos Amigos tenham cautela!

A verdade é que os nossos Rapazes não pedem nada a ninguém. Só vendem O GAIA-TO. E não é costume, também, passarmos procuração seja para que pedincha for. Quando surgirem estes casos — facilmente detectáveis pela natureza específica da Obra da Rua — não correspondam! E, se for possível, no local, alertem as autoridades. Já uma vez aconteceu assim mesmo, num estabelecimento bancário do Porto — com muita oportunidade! E o mal foi sanado imediatamente. «Nós conhecemos a vossa Obra...!» — afirmaram, de lá, aqueles nossos Amigos.

Júlio Mendes



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Abril: 51.450 exemplares.